

# AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PEREZ

Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A — 2.º ANDAR — SALA 2

ANO IV — N.º 56

Rio de Janeiro, Terça-feira, 21 de Junho de 1949

Preço: Cr\$ 0,50

CAIXA POSTAL 4.538

## O ESTADO É A GUERRA

Por GERMINAL

Atualmente homem nenhum existe que não deseje a paz, mas poucos são os que acreditam numa paz permanente. A situação política do mundo não tem aparência pacífica. Foi Pierre Joseph Proudhon quem escreveu, faz cem anos: "O século 20 irá iniciar a época das federações, ou o mundo sofrerá um purgatório de mil anos." Os democratas daquela época não deram atenção à advertência de Proudhon e caluniaram-no como reacionário disfarçado. O século 20 não escolheu a federação, mas a centralização, isto é, o Estado. Com o Estado escolheu o imoral no terreno da cultura, da economia e da política, a imoralidade do autoritarismo, e recusou o espírito de liberdade; com o Estado escolheu a guerra.

Que é a guerra? A guerra é, sob o ponto de vista do capitalista, um negócio bastante lucrativo; sob o ponto de vista do militar, uma arte, e, conforme Clausewitz, o mestre da estratégia, "a continuação da política com outros meios". Isto quer dizer, então, que os meios que os políticos usam são mais práticos. Nesse caso, não há nada mais prático do que a guerra. A miséria é prática. O sofrimento é prático, o assassinio, a deportação, a opressão, a perseguição, o incêndio, o bloqueio, o roubo, a mentira, a destruição de museus e bibliotecas, etc., são meios essencialmente práticos. Essas coisas práticas estão estreitamente ligadas à forma social do Estado, são suas resultantes diretas.

Nossos políticos, ministros, diplomatas e muitos de nossos sábios, engenheiros, poetas e escritores adoram francamente esta "política com meios mais práticos", pois em época nenhuma é tão fácil conseguir aplausos e admiração servil da plebe ignorante, como nos tempos da guerra. Caím, o fratricida, transforma-se em herói nacional. Tal heroísmo é

proveniente da ignorância dos homens que formam o exército.

Para nós anarquistas, é a guerra a bestialidade na sua mais alta potência, que se baseia numa aritmética e numa estratégia muito simples e fácil de aprender. Seu objetivo, dos mais primitivos, consiste em matar tantos quanto possível. É a triste arte de destruir quantidades ilimitadas de valores. As inumeráveis conferências, reuniões e encontros que os diplomatas realizam cada semana, outra coisa não são que convulsões epiléticas do sistema estatal.

De quando em vez, recebem os povos um comunicado decisivo, que, porém, ao cabo de algumas horas, perde seu significado. Em cada documento, pacto ou comunicado que publicam, persistem, teimosos, na declaração de que desejam a paz e a conservação da igualdade de todas as nações. São incapazes de reconhecer a contradição que está encerrada nesta expressão corriqueira, eternamente repetida.

Estados são grupos armados, e a existência de fronteiras e de armamentos é justamente o que conduz à guerra e de forma nenhuma poderá conduzir à paz.

Uma coisa é certa: por maior que seja o número de comunicados, de pactos militares, pactos de não agressão, fixação de esferas de influência, conferências entre os ministros, banquetes, brindes, fogos de artifício, nunca poderão evitar a colisão armada iminente. Se os homens chegassem à convicção de que o Estado é a causa direta da opressão, da miséria e da guerra, substituí-lo-iam pela anarquia, isto é, por uma ordem social em que a opressão e as guerras são coisas inimagináveis. É possível que na anarquia um cientista insensato invente um super-instrumento de destruição, mas, apesar disso, não haverá guerra. Por outro lado, se continuarem a escravizar o indivíduo ao interesse do Estado, continuando, assim, o ser humano a acreditar que o Estado é a perso-

nificação do bem, da vontade universal, o criador da justiça e protetor do direito, então, mesmo que todos estivessem desarmados e fosse até proibido o uso de um canivete, os patriotas começariam a guerrear-se com paus e garrafas, para defender os absurdos que o Estado lhes impinge. Os grandes exércitos com suas armas secretas são incapazes de impedir a guerra e a redução dos armamentos também o é.

A idéia de assegurar a paz por meio de pactos ou pela redução de armamentos é tão errada como a idéia de armar-se para evitar a guerra. Os exércitos, com seus tanques, super-fortalezas, gases asfixiantes e super-bombas-atômicas, têm tanto de comum com a paz, como um sapo com o tempo. O problema da paz é um problema social e econômico, e não um problema de armamentos.

Enquanto reconhecermos o Estado como a mais sublime expressão de soberania do povo, não haverá a mínima esperança de se modificar o banditismo que ele representa; ao contrário, seremos levados com rapidez crescente pelo caminho da destruição e da barbárie, para o ódio e a miséria cada vez maiores até que nos resolvamos a destruir este monstro de lama e fogo e começar a edificar uma ordem social que se baseie nos princípios anárquicos.

Agora, surge no firmamento político o Estado mundial, que já o escritor Wells preconizou. Nada mais é que uma federação de Estados. Se os "Quatro Grandes" conseguirem formar o Estado Mundial, se conseguirem unir seus exércitos e sua polícia, e, baseados na sua força, ditar ao mundo suas leis arbitrárias, instalarão a maior e a mais insuportável das tiranias. Uma federação de Estados é um "contradição in adjecto", porque o Estado e a federação, isto é, o poder e o livre acôrdo são coisas que se excluem. A paz mundial só se deve basear no acôrdo livre de homens livres, ou, em outras palavras, a federação não deve ser uma federação de estados e sim uma federação de federações.

Se quisermos realmente a paz, não devemos mais acreditar nos milagres da força, nem mais confiar em impérios, federações de Estados e parlamentos internacionais; não devemos crer na justiça de tribunais e em exércitos internacionais.

Se quisermos a federação mundial, devemos antes destruir o despotismo econômico e político que domina nossa vida social. Se quisermos edificar o palácio da paz, é necessário removermos, primeiro, o entulho que cobre o alicerce sob o qual estão sepultadas a Razão, a Liberdade e a Consciência Humana.

### SANTO OFÍCIO NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

Segundo lemos nos jornais, à Câmara de Flores da Cunha, no Rio Grande, foi apresentado por certo deputado integralista um requerimento pedindo que os livros da biblioteca municipal sejam censurados pelos frades capuchinhos. Ora, aqui, na Biblioteca Nacional, já entrou em vigor, segundo parece, medida semelhante à que propõem em Flores da Cunha. Ao que nos informam, várias pessoas têm ali requisitado a obra magnífica de Tomaz da Fonseca, "Sermões da Montanha", o mais terrível libelo contra o clero e o fanatismo religioso, que já se publicou em português, e obtém a informação de que tal obra "não existe naquela biblioteca". Isto, não obstante a editora "Germinal", que a reeditou, haver oferecido, há mais de um ano, como a lei ordena, dois exemplares. Mas não é só este: são muitos outros os livros que caíram no "Index" daquele estabelecimento. Enfim, vivam a democracia e a separação da Igreja e do Estado!

## A Igreja e a Pornografia ou o Fiasco da Moral Teológica

RAFAEL MALAGUERRA

S. Em. o Cardeal Jaime Câmara convocou os venerandos Catões da sua jurisdição e assentou com eles os planos da luta contra as publicações (jornais, revistas e livros) consideradas pornográficas e que o santo varão, em sua seminfalibilidade, aponta como fonte da imoralidade reinante. Não sei se S. Em. incluíu ou não na lista de tais publicações as Sagradas Escrituras — esse livro sete vezes sagrado, não por ser divino, mas por ser humano, porque nessa imensa história das nossas misérias e dos nossos sonhos, se erguem gritos saídos da nossa carne desnuda —, assim como os Agiologios, as Cartas de Soror Mariana e as obras de Santa Tereza, a genial histórica espanhola, e de tantos outros escritores místicos, através de cujas páginas, do princípio ao fim, o sexo, aprisionado no coletive-fôrças da moral ascética, se avanta constantemente, cobrando os seus direitos naturais postergados pela Igreja. Para ser, aliás, coerente, S. Em. o arcebispo do Rio e o papa teriam que mandar retirar da Capela Sixtina, no Vaticano, e das catedrais, toda a pornografia existente em vitrais e em baixos-relevos.

O santo pastor e as suas tropas aprestam-se para a batalha, com as metralhadoras das excomunhões a tiracolo, prontas a serem disparadas contra a imprensa que não respeita a moral católica, cessando imediatamente a publicação de matéria pornográfica e (aqui é que o santo varão deixa cair a máscara, pondo à mostra as suas verdadeiras intenções!) de ataque ou crítica à Igreja. Mas, o representante de Deus toma a nuvem por Juno, ou seja, o efeito pela causa, ao anunciar a batalha, não contra a própria imoralidade, que progride livremente nas sombras propícias das sacristias e no conforto dos palácios dos potentados, a cujos privilégios a Igreja secularmente serve de espeque, mas contra jornais e livros, espelho dessa imoralidade. A pornografia está menos nas páginas dos jornais do sr. Chateaubriand — obscenos por outros motivos — nas gravuras e nas descrições atentatórias do pudor das falsas beatas e dos nossos santos padres, do que no regime social em que vivemos, nesta sociedade ignóbil de capitalistas, políticos, militares e sacerdotes, despudorada e hipócrita, em que vegetamos e contra a qual jamais a Santa Madre disparou os arcabuzes das suas excomunhões, que, por sinal, já hoje não



amedrontam ninguém. O santo arcebispo do Distrito Federal, em vez de combater as causas reais da devassidão, que são também as causas da pornografia, limita-se, pois, a declarar guerra aos seus efeitos. A miséria e a neurose conduzem muita gente ao suicídio? Não se dê publicidade aos casos de suicídio! — ordena a Igreja. Assim faremos crer ao público que ninguém mais se mata (só Deus tem o direito de matar-nos!) e que a sociedade vive, sob a providencial direção da Igreja, na maior felicidade. É a tática do avestruz.

A atitude de S. Em. é lógica. Efetivamente, que autoridade assiste à Igreja para condenar as raízes da imoralidade em si mesma, se esta onda de luxúria, de exploração, de roubos de toda espécie, de assassinios pelo motivo mais fútil, de enlouquecimentos e suicídios, que os jornais diariamente registram, é o corolário natural da educação e da moral fradesca, dessa falsa moral de eunucos, de conventos e sacristias, refreadora dos mais nobres instintos e geradora, por isso mesmo, de devassos, de homossexuais, de hipócritas e histéricas, de que estão pejudadas as páginas da história da Igreja e, principalmente, do papado. Os seres mais monstruosamente deformados sob o ponto-de-vista moral, que figuram no museu teatológico da História, saíram justamente do redil da Igreja, que os canonizou. S. Paulo comete incesto com a irmã, foge à cólera do cunhado e torna-se contemplativo no seu retiro da Tebaida; S. Cirilo ordena o assassinio da sábia Hipatia e o massacre dos judeus alexandrinos e glorifica no púlpito estas monstruosidades; S. Félix 2.º tais infâmias comete, que Santo Atanásio disse ser ele "um monstro vomitado pelo Anti-Cristo para deshonra da Santa Sé"; Santo Aleixo foge horrorizado à vista da mulher que lhe haviam

## FIGURAS DO ANARQUISMO



E. LANTI

O nome oficial desta figura, uma das mais originais e curiosas da vasta galeria libertária, era Eugène Adam; foi porém, pelo seu pseudônimo literário de E. Lanti (da expressão francesa "l'anti", "o do contra", por ele adoptado por traduzir o seu feito combativo), que se tornou mundialmente conhecido. Nascido na Normandia, em França, em 1879, fixou-se com 24 anos, em Paris, depois de percorrer toda a França, exercendo o ofício de carpinteiro. Frequentando bibliotecas, assistindo a conferências, devorando livros e convivendo com algumas das maiores figuras do pensamento da França, a sua portentosa inteligência foi-se enriquecendo com os mais vastos cabedais da cultura, a que não faltou sequer o estudo do latim e do grego. Alguns anos depois, era o jovem carpinteiro admitido, por concurso, como professor, em uma das escolas de artes e ofícios da Prefeitura da capital francesa.

Ao estalar a guerra europeia de 1914-18 (contava ele 35 anos), foi mobilizado, partindo para a frente como maqueiro. A visão dantesca da guerra, que viveu em todos os horrores e que fez escrever a Barbusse e a Remarque, seus amigos, algumas das melhores páginas da literatura da época, caracterizou-o. Lanti tornou-se um dos principais libertários, gerando nele a concepção de um mundo novo, sem fronteiras — uma Pátria Planetária. A guerra fizera-o compreender que as terríveis chacinas guerreiras, que periodicamente assolam a humanidade, fazendo-a verter caudais imensos de sangue e de lágrimas e destruindo tesouros imensos acumulados em séculos de sofrimento, provinham da divisão da humanidade em nações. Compreendeu, depois, que estas se mantinham, não por diferenças étnicas, geográficas ou espirituais, mas tão somente por uma particularização da técnica e, de um modo geral, da cultura, sendo o principal fundamento da nação a língua comum. O mito bíblico da Torre de Babel não tem outro significado senão esta individualização da técnica e da cultura. Mas a técnica e a cultura tendem à universalização. O rádio, o avião, os correios etc. encurtam as distâncias e aproximam os povos. O que é preciso é, pois, acelerar o desenvolvimento da técnica e da cultura para a unificação das nações, a fim de pôr termo às rivalidades patrióticas e, pois, às guerras que resultam da contradição dos interesses nacionais. Este raciocínio conduziu Lanti à compreensão da extraordinária importância que para a marcha do mundo e do ideal da paz e da fraternidade e da própria emancipação dos trabalhadores e a instauração do socialismo representa a língua mundial. Eis como Lanti se tornou o mais estrênuo propagandista do esperanto e a figura de mais estreme esperantista, depois do criador da inter-língua, Zamenhof.

Em 1921, com a colaboração de outros camaradas, fundou a *Sennacieca Asocio Tutmonda* (Associação Anacionalista dos Esperantistas de Todo o Mundo), a mais dinâmica organização mundial de esperantistas proletários, que sob o lema "O esperanto ao serviço do proletariado mundial", reúne alguns milhares de representantes em todos os países e possui dois órgãos na imprensa e uma editora à qual se deve a publicação de numerosas obras em esperanto, traduções e originais.

(Continua na pág. 2)

# A IGREJA E A PORNOGRAFIA

(Continuação da 1.ª página)

apresentado para noiva, e dedica-se à mendicância; S. Canuto, rei da Dinamarca, pratica tão monstruosos atos de tirania, que provoca uma insurreição em que encontra a morte; S. Domingos funda a Santa Inquisição e prega o extermínio dos albigenses, deixando sob as ruínas de Beziers sessenta mil cadáveres; S. Luiz, rei da França, manda furar com ferro em brasa a língua dos blasfemos; etc., etc.

O que se deduz da "campanha moralizadora" do clero é o fracasso ruinoso e completo da moral teológica. Ao fim de vinte séculos de pregação, de milagres e de ameaças com os terrores do Purgatório e do Inferno, quais são os resultados obtidos pelo Deus de Pio 12? O que ali está: esta gafada sociedade representada pelos Barretos Pintos, pelos cônegos Olímpios, pelos Chateaubriands e outros que tais, que estadeiam publicamente uma lubricidade, uma luxúria, quase tão escandalosa como a dos cardeais e dos papas do Renascimento. De nada valeiram os cilícios medievais, as Cruzadas, as excomuniões, as fogueiras da Inquisição, a educação religiosa obrigatória na escola e no lar e quejandas medidas determinadas pelo Deus romano. Satanaz, ganhando sempre a última batalha contra seu irmão Jeová, estabeleça todas as cadeias em que a Igreja tenta, há séculos, em vão, aprisionar e estiolar as fontes da vida.

A moral não consiste em cegar os instintos, mananciais de energia, mas em canalizá-los para fins socialmente úteis, em sublimá-los, como se exprime Freud. Não sejam cegos nem hipócritas: a lubricidade da nossa espécie é enorme. A dos macacos também, o que não admira porque somos parentes. Uma epidemia de castidade seria de consequências mais graves para a humanidade do que a própria devassidão, porque comprometeria a conservação da espécie. O elefante extingue-se porque é excessivamente virtuoso; não se aproxima da fêmea senão uma vez por ano.

Não, a lubricidade, a orgia, a devassidão, os vícios, todos os vícios, nascem dessa moral de escravos, que a Igreja, as diversas igrejas, que na realidade governam o mundo, nos impõem. Dinamite-mos os diques opostos pela moral convencional dos hipócritas fariseus de roupeta, deixemos os rios das energias vitais seguirem livremente o seu curso; por outras palavras, libertemos, como pedem os psiquiatras modernos, o amor sexual, dos ridículos e monstruosos tabus com que as religiões procuraram infamá-lo, e não mais haverá quem procure, nas descrições picantes, sensacionalistas e pornográficas, de que o teatro e os órgãos dos Diários Associados, — particularmente visados na campanha do bispo do Rio, lançam mão com fins lucrativos — saciar a fome do sexo, que, com piores consequências do que a fome do estômago, atormenta a maioria

# FIGURAS DO ANARQUISMO

(Continuação da 1.ª página)

ginais, do maior interesse para a cultura proletária. Convencido de que o esperanto é, como veículo mundial de idéias, o complemento do telégrafo, dos

dos brasileiros educados dentro dos dogmas da Igreja.

Dê-se a todos a liberdade de satisfazer os seus impulsos de acôrdo com as leis naturais, e não haverá mais quem ache graça nas baboseiras do baixo teatro e das folhas do sr. Chateaubriand. A pornografia, assim como o chiste duvidoso e picante, como concluíram Freud e, com ele, os modernos psicólogos e psiquiatras, entre os quais alguns sacerdotes franceses da esquerda, discípulos do famoso padre jesuíta Loisy, são substituídos do ato sexual, criados pela imaginação dos que têm fome de sexo, para satisfação da sua libido. Sem esse substituto, a rebelião dos instintos algemados teria muito mais graves consequências no terreno das neuroses. Se, pois, queremos sinceramente exterminar a pornografia, exterminemos as suas causas. Então, sim, o sr. Chateaubriand, que poderá resistir à ameaça de excomunhão, teria de explorar outros temas para atrair a atenção dos leitores dos seus jornais.

Mas isto implica na aceitação do Amor Livre, ou seja, na libertação do amor, que é um dos postulados principais do anarquismo, e porisso receamos que o sr. Cardeal não perfilhe a nossa sugestão, deixando que as coisas continuem na mesma.

correios e da imprensa, e um fator psicológico indispensável para desenraizar no homem o amor exclusivista da pátria estreita, substituindo-o pela concepção de uma pátria universal, e, por tudo isto, o germe de um mundo novo e o instrumento necessário à realização de apêlo dos fundadores da primeira Associação Internacional dos Trabalhadores — "Proletários de todo o mundo, uni-vos!" — adotou coerentemente o idioma universal como língua doméstica, única língua em que se entendia com sua companheira, uma camarada inglesa, que ele conhecera em um congresso mundial de esperantistas e que não falava o francês. A sua residência, nos arredores de Paris, era, por isto e pelo feito hospitalareiro de Lanti, pousada de todos os esperantistas que visitavam a capital da França. Em esperanto, escreveu todas as suas obras, com exceção de dois folhetos.

Seduzido pelos cantos da sereia bolchevista, que, a seguir à Revolução Russa, desviaram muitos verdadeiros revolucionários da linha reta, a única, que conduz ao socialismo, preconizada pelos anarquistas, Lanti filiou-se ao Partido Comunista, abandonando o anarquismo. Não tardou muito a sua desilusão. Indo à Rússia, anos depois, em 1928, como presidente da Sennacieca Asocio Tutmonda, a fim de cumprir mandato de um congresso mundial de esperantistas, ali se convenceu, pelo que viu em várias cidades russas e ouviu da boca de sinceros revolucionários que haviam feito a Revolução de Outubro, de que a "construção do socialismo" na Rússia não passava de um dos maiores "bluffs" da História, pois que os trabalhadores continuavam na mesma situação

(Continua na 3.ª página)

# COMPANHEIRO!

ACÇÃO DIRETA precisa do teu auxílio! Não deixes de mandar pouco, porque gostarias de mandar muito. O muito de poucos é muito. Envia-nos também tua opinião sobre o nosso jornal.

Correspondência para a caixa postal 4588. Valores em nome de Manuel Perez.

Leiam A PLEBE. Pedidos à caixa postal 5739, S. Paulo.

# Onda de suicídios

(Conclusão da 1.ª página)

suicidam-se os que deveriam ser carrascos. Tirem da mente do homem as preocupações das lutas financeiras, das donas de casa a algébrica complicação do pagamento das contas, do necessitado o azorrague de suas necessidades, e veremos se temos transviados mentais. Dê-se saúde ao povo! Extingam-se os órgãos burocráticos da defesa popular; extirpem-se os postos hierárquicos, belo pasto para os zebus da democracia, e veremos se temos desajustados sociais. Rasguem-se as constituições hipócritas, os governos tirânicos deixem o homem livre, anarquicamente organizado sem restrição do direito pessoal ou coletivo, e não teremos neuróticos ou desequilibrados, nem a súcia de bem engendrados filhos da fortuna, carrapataando no lombo do que ensandecem no trabalho e na concorrência estúpida dos nossos dias!

MARCOS

## 8. Evolução da métrica greco-latina para a românica. A rima.

1. Sabem todos que o característico diferenciador da métrica antiga para a moderna é a substituição da quantidade pela tonicidade. Não quer isso dizer que não havia, na rítmica antiga, tonicidade. Significa, tão somente, que, tendo-se esbatido o sentimento da quantidade, foi tomando corpo a sensação do acento tônico e para ele voltando-se a atenção na contagem dos metros. Os ritmos permaneceram os mesmos, com os mesmos pés, os mesmos dimetros, trimetros, tetrámetros, etc. Apenas, as marcas rítmicas, após longo período de hesitações e confusões, foram passando para o tom. Vestígios da marcação quantitativa entremetida na marcação tónica dão-nos as línguas germânicas, fiéis, na sua rítmica, aos conjuntos simétricos.

2. Antes de examinar o destino da métrica latina nas línguas neolatinas, não será despendioso aludir à rítmica anglo-germânica, diversíssima hoje da neolatina.

Realmente, ao passo que esta é um reforço, melhor, uma expansão renovadora da métrica antiga, revela a outra sério empobrecimento.

da métrica latina. (John S. Hart em seu *Handbook of Anglo-Saxon Verse*, de 1884, dá-nos indicações de que este manual por ter sido escrito antes do mo-

Depois de mostrar a contagem dos pés por sílabas, escreve: "Os gregos e os latinos tinham muito maior variedade de pés que nós. Suas sílabas eram longas ou breves, em vez de acentuadas ou átonas e sua prosódia era muito mais precisa e determinada que a nossa. Sendo o ouvido popular entre eles exercitado a grande acuidade e uniformidade na pronúncia das sílabas, admitiu prontamente maior diversidade de pés".

E, na realidade, passa a estatuir os quatro únicos pés aceites pelos ingleses: o *jambo*, o *troqueu*, o *anapesto* e o *dáctilo*. Quanto ao *espondeu*, achadinho na poesia inglesa, confessa não haver em latim coisa parecida com verso espondeico, por faltar exemplo de algum exclusivamente constante de pés espondeus.

Ora, nas línguas germânicas e eslavas, longe de alargarem os poetas o magnífico sistema greco-latino, recluiram-se às sequências monorítmicas, de modo que, sendo o verso inicial *jambo*, *troqueu*, *anapesto* ou *dáctilo*, todos os demais pés serão *jambos*, *troqueus*, *anapestos* ou *dáctilos*. Geralmente, poesias inteiras seguem o mesmo ritmo, do primeiro verso ao último, o que é de insuperável monotonia. Nessas línguas seria impossível um soneto, como depois veremos em português, com ritmo diferente para cada verso.

Ainda mais. Segundo Hart, até o seu tempo, noventa por cento dos versos ingleses eram *jâmbicos*, quer dizer, além de monorítmicos para cada poesia, eram, no conjunto, em grande maioria *jâmbicos*.

Eis um exemplo de ritmo trocaico citado por Hart:

Sóftly | swéet in | Lydian | méasures  
Sóon he | sóothed his | sóul to | pléasures  
Wár, he | súnge, is | tóll and | tróuble  
Hónour | bút an | émpy | bubble

Note-se que *measures* é dissílabo pois se lê *méjurs*, como *pleasures*. *Soothed* é uma sílaba por ler-se *súthd*.

4. As línguas românicas libertaram-se dessa pesada monotonia e criaram um sistema calcado no greco-latino, porém mais variado, em cada composição, que aquele.

De fato, embora as variedades de combinações métricas fossem numerosas, eles usavam, em cada poesia, um agrupamento de versos do mesmo ritmo.

A variação, neste caso, era muito restrita. Vou fazer o possível para dar uma idéia. O verso chamado *glicônio* era um arranjo de *jambos* e *coriambos*. Tênicamente chama-se: *coriambo dimetro catalético*. Compõe-se de um coriambo precedido de um espondeu ou troqueu e seguido de um jambo. Vou dar o ritmo, em português, isto é, com marcação tonal:

Queima | pálda flor | o sol

Os metricistas notaram que o lugar do coriambo pode variar. Se fica na primeira dipódia, chama-se o verso *glicônio primeiro*; se entre as duas dipódias, metade para cada uma (pois é composto de troqueu e jambo), chama-se *glicônio segundo*; se forma a segunda dipódia, chama-se *glicônio terceiro*.

Eis a representação dos três:

— — — — —  
— — — — —  
— — — — —

Dentro desse limite, alargado no tempo de Eurípedes, as estrofes em verso glicônio respeitavam os tipos consagrados.

Como eram consumados artistas, evitaram gregos e latinos essa monotonia alternando versos de medidas diferentes.

A primeira ode de Horácio é toda composta em verso *asclepiadeu menor*, cujo ritmo era:

— — — — —  
— — — — —  
— — — — —

# CURSO DE LITERATURA

Prof. JOSÉ OITICICA

(Catedrático do Colégio Pedro II)

Em ritmo tonal:

Bem sei | qual de nós dois | pôde vencer | a dor

Como se vê é um alexandrino perfeito:

Maece|nas atavis | edite re|gibus

São 36 versos num só ritmo, coisa desadorante em português:

5. E' de toda importância assinalar outra diferença profunda entre a métrica grega e a nossa. Ela atende sobretudo ao ritmo pois era geralmente cantada ou quando não, declamada em público. A nossa, ao contrário, atende ao número de sílabas. E' claro que, se o poeta não fala apenas, se com ele há um instrumento acompanhante, para haver segura harmonia no duo, o ritmo e o andamento preponderam.

Por isso, encontram-se, a todo momento, versos que discrepam dos modelos no número de sílabas.

Assim, na tragédia, os glicônios mesclaram-se aos logaédicos e aos ferecreteanos; isso porque havia, no ritmo musical, equivalência entre uma longa e duas breves: um espondeu (— —) valia por um dáctilo (— . .). E' como em música onde uma semínima ocupa o mesmo tempo de duas colcheias.

Haja vista o *hexâmetro dáctilo*. Seu tipo teórico é uma sequência de três dipódias dáctilicas. Entretanto, a regra de formação é a de que os quatro primeiros pés podem ser dáctilos ou espondeus, o que dá no primeiro caso doze sílabas e, no segundo, apenas oito. Todavia, o ritmo não muda.

6. Ora, na passagem para as línguas românicas, já vimos, o critério quantitativo cedeu ao tonal e o critério rítmico (musical, digamos), ao silábico.

Entre essa antiga métrica e a moderna houve a métrica eclesiástica e a dos trovadores.

Grande obscuridade existe ainda na interpretação dessas duas métricas intermediárias por deficiência, em grande parte, de documentação.

Há sinais de duas correntes: uma, erudita, a eclesiástica; outra, popular.

A eclesiástica seguiu o regime grego dos pés regularmente dispostos, mas apoucou desmedidamente as combinações, limitando-se a sequências *jâmbicas* ou *trocaicas*, todas calcadas, é claro, na tonicidade.

Na península ibérica, segundo Ribera, houve séria influência da música árabe em poemas eruditos como as *Cantigas de Santa Maria* do rei Afonso, o Sábio; mas, contesta-se a influência árabe na poesia popular da península.

Segundo o eminente Pidal, a poesia arcaica espanhola era de todo *amétrica*, pois não se pôde nela encontrar sistema algum rítmico.

Para Rodrigues Lapa, a métrica dos trovadores decorreu da métrica eclesiástica; mas, é claro que se entende isso apenas nas poesias de cunho erudito; as de cunho popular têm outra medida.

São assuntos complexos, impróprios destes pontos. Tudo revela, apenas, a fase de transição, de toda lógica, para a métrica moderna.

7. E' claríssimo ter a métrica dos povos germânicos e eslavos, seguido à risca a eclesiástica. O célebre *Stabat Mater*, espécie de reconto religioso do século XIV é uma sequência em ritmo trocaico:

Stábat | máter | dólo | rósa  
Júxta | crúcem | lácri | mósa  
Dúm pen | débat | fili | us.

E' o ritmo do *Dies irae*

Dies | irae | dies | illa  
Sólvet | sécu | lum in fa | villa

do *Veni Sancte Spiritus*, etc.

Nos *Niebelungen*, poemas alemães dos séculos XII e XIII as sequências *jâmbicas* têm o mesmo caráter; ex.:

in ei | ner ri | chen bür | ge wi | ten wól | békant

8. Quem lê por alto os poemas, canções, cantigas medievais em línguas românicas sente-se num caos; mas, pouco a pouco, será possível descobrir os segredos dessa métrica e as razões das suas estranhas contagens.

Sirvam de exemplos os chamados *alexandrinos*, o francês e o espanhol.

São ambos metros eruditos; mas, ao passo que o francês tem sempre os doze pés bem marcados, quem lê os espanhóis encontra ora doze, ora treze, ora quatorze sílabas, fora as sobranças do segundo hemistíquio.

Entretanto, a discrepância está somente no critério da composição. O do alexandrino espanhol não atende à fusão dos dois hemistíquios, apenas justapõe um verso de seis a outro de seis. Ora, o primeiro hemistíquio poderia terminar em oxítono, paroxítono ou proparoxítono e então teria seis, sete ou oito sílabas.

Como apurou António Sanchez, no verso do poema *del Cid* "não se observa número fixo, determinado de sílabas, nem regra de assonantes e consoantes sem que, por isso, se possa chamar *soltos* os versos desse poema".

Foi o poeta espanhol Berceo quem reduziu o verso espanhol erudito a um sistema, por ele usado em suas obras e conhecido pelo nome de *cuaderna via*, por assim havê-lo denominado o próprio autor.

Fitzgerald dá uma súmula correta do sistema de Berceo: "A *cuaderna via* consiste em coplas de quatro versos monorítmicos. Cada verso consta de dois hemistíquios; cada hemistíquio tem seis sílabas se a terminação for aguda, sete se for grave e oito se for esdrúxula. Há só um acento métrico em cada hemistíquio e cai invariavelmente na sexta sílaba. O hiato entre palavras é absolutamente obrigatório e, consequentemente, é defesa a *sinalefa* com igual rigor. O poeta tinha liberdade de usar ou não da contração, da *apócope* e da *aférese*; em casos especiais, talvez, da *sincope*. Não havia travas, ou poucas, no uso da *diálise* e da *sinírese* (diéreses e síníreses)".

9. Exemplifiquemos, com versos de Berceo, os tipos possíveis de alexandrinos espanhóis.

a) ambos os hemistíquios agudos:

Mas para Sant-Millan | podrie ser mejor

b) o primeiro hem. agudo e o segundo grave:

Del linage de Manns | un ome sennalado

Note-se que ambos esses tipos são comuns ao alexandrino francês.

c) o primeiro hem. grave e o segundo agudo:

Servie a los parentes | de toda voluntad

b) ambos os hemistíquios graves:

En el nombre del Padre | que hizo toda cosa

g) o primeiro hem. esdrúxulo e o segundo agudo (muito raro):

Si esto te negásemos | faziamoslo mui mal.

h) o primeiro hem. esdrúxulo e o segundo grave.

Non avie á decirgelo | nin madre ni hermana

i) ambos os hem. esdrúxulos. (Não achei disso exemplo).

Não mencionam os críticos o modo de ler os versos. Sem a devida prevenção, tais versos nos soam sem ritmo algum. Importa, porém, ler como se os hemistíquios fossem versos completos de seis sílabas.

Suponhamos estes dois versos seguidos e rimados da *Vida de S. Domingos*:

De hymnos et de cánticos bien et gent decorado  
Evangelios, epistolas, aprisolas privado.

Separando em quatro hexassílabos, o ritmo aparece claro:

De hymnos et de cánticos  
Bien et gent decorado,  
Evangelios, epistolas,  
Aprisolas privado.

No ponto seguinte examinaremos a obra métrica românica, imponente.

10. A poética românica tem outro característico valioso: a *rima*. Sua florescência nela, embora não universal, tão pujante e larga foi, que só isso muito a distingue da greco-latina.

Sua origem é obscuríssima. Alguns quiseram ver rimas em autores latinos clássicos. Seriam meras coincidências ou acidentes.

A título de curiosidade, mencionarei o mais antigo cântico medieval latino, rimado.

Foi feito em honra do rei Clotário e portanto anterior a 628. Eis alguns versos:

De Clotario canere est rege Francorum  
Qui iuit pugnare cum gente Saxonum,  
Quum graviter provenisset missis Saxonum  
Si non fuisset inclitus Faro de genti Borgundtorum

e assim por diante.

A seguir: Ponto 9 — Sistema da métrica românica.

# RESULTADOS EXCEDENTES

P. FERREIRA DA SILVA

Haveremos de mostrar, não só por palavras mas com os fatos evidentes em função da prática de nossos métodos, que anarquia é ordem natural, ao invés da pecha que ignorantes e mal intencionados costumam atribuir-nos; e nada melhor para prová-lo do que organizar, melhorar, construir, enfim, alguma coisa, mesmo dentro da sociedade capitalista, como ante-visão do mundo fraterno e igual, altruista e perfeito, dos sonhadores do ideal. O sonho pode estar dentro de nós, mas em torno de nós há a realidade e nela se movem nossas vidas, nela se animam os nossos gestos e se realizam as nossas obras. A cooperativa sem lucros, digna de ser abraçada pelos anarquistas, parecerá um sonho, e muitos dirão que é impossível. Não esqueçamos as suas dificuldades, porque, embora com os olhos nas estrelas, caminhamos com os pés no solo. Tropeçamos, sem dúvida; mas, graças aos tropeços, podemos conhecer a realidade e orientar-nos melhor.

Como realizar a cooperativa sem lucros, evitando ao mesmo tempo a ruína da organização? Eis uma dúvida que logo há de acudir ao espírito comercial dos atuais detentores dos sistemas de distribuição. De fato, a preocupação do lucro nem sempre representa apenas ambição de enriquecimento do comerciante. Pensa ele, quando previdente, que os azares dos mercados representam uma ameaça constante, com suas oscilações e ciladas especulatórias de outros comerciantes que manobram fornecimentos ou dominam fontes de produção. E por isso vale-se do lucro para constituir reservas econômicas capazes de fazer frente a qualquer crise ou prejuízo eventual.

Outra dificuldade da cooperativa sem lucros residirá, muitas vezes, em estabelecer o preço justo, o preço de custo ou de aquisição acrescido dos gastos indispensáveis ao funcionamento da cooperativa. E diante dessa dificuldade, corre-se o risco de prejuízos, ou de verificação de lucros contra a nossa vontade e contra os objetivos da cooperativa.

Ora, se temos de evitar e com-

bater o lucro, cabe-nos também zelar pela integridade do fundo social e das quotas dos associados, que não devem ser acrescentadas com dividendos nem diminuídas com prejuízos, considerando-se esta hipótese iníqua e equivalente a um sacrifício desnecessário.

Então, ao determinar os preços de entrega dos produtos ou de distribuição dos gêneros, a cooperativa optará por assegurar uma pequena margem de excesso, a fim de cobrir possíveis erros de cálculo, desgastes ou perecimento imprevisto de mercadorias. E' como o lucro em função de reserva comercial, a previdência, a segurança do patrimônio comum. Ao fim de determinado período de operações, essa prática dará um resultado excedente. Quando uma organização mercantil quer fixar determinada taxa de remuneração do capital, chama, ao que for além dessa taxa, lucros excedentes. Do mesmo modo procederemos em nossas cooperativas. Os resultados econômicos que ultrapassarem a taxa de encargos e funcionamento, serão os resultados excedentes.

A objeção de qualquer contraditor está a surgir, fácil e impertinente como todos os reparos nascidos da incompreensão de nossos propósitos. Dirá ele que tanto faz chamar-lhe uma coisa ou outra, afinal são sempre lucros, e aí está a cooperativa caindo no mesmo vício de qualquer organização mercantil.

Mas, assim como a objeção é fácil, também é fácil destruí-la e anular-lhe o intento perverso. Porque, quando preconizamos a cooperativa sem lucros, queremos dizer sem lucros para os seus participantes, sem lucros para o capital ou quotas com que nelas entrarem os seus associados, sem interesse mercantilista, sem egoísmo, sem exploração econômica. Isso não exclui porém a margem necessária ao funcionamento da organização e convenientes reservas. Tal margem tem de ser, é claro, limitada e não poderá alimentar interesses individuais em prejuízo da coletividade. Eis a diferença entre os resultados excedentes da cooperativa sem lucros e o dividendo ou remuneração do

capital das congêneres atuais, em que, apesar dos floreios da propaganda suspeita gerada nos círculos oficiais, anda bem vivo e palpante o interesse individual, tanto que os seus apologistas não são revolucionários nem pretendem mudar os fundamentos da sociedade burguesa.

A aplicação dos fundos excedentes é que tem de ser o característico defensivo da pureza da nossa organização.

Ficéis ao princípio de que a cooperativa se destina a favorecer o consumidor em geral, combatendo o comércio dos intermediários pela organização própria dos consumidores, faremos convergir todos os seus resultados para o mesmo fim.

Conforme se trate de produção ou distribuição, o que importa em primeiro lugar é permitir a todos a aquisição dos artigos por preço mais baixo, eliminando-se toda manobra especulativa e toda majoração inútil. Nos depósitos de gêneros, o benefício estende-se de modo geral aos consumidores; nas oficinas, há que beneficiar antes, porém sem exageros, os operários nela empregados, pela melhoria do nível de seus ganhos, já obtida sensivelmente com a ausência do padrão capitalista. A baixa dos preços da produção será orientada convenientemente, em vista do seu destino e objetivando igualmente combater os preços altos das outras indústrias, a fim de facilitar o acesso aos produtos e melhorar a vida coletiva.

Para isto se calcularão os preços sem procurar lucro; e, quando o encerramento de um período apresentar resultados excedentes, devem ser computados a favor do período seguinte, entrando como receita inicial a diminuir o custo dos artigos para que estes levem sempre, com seu preço mais baixo, o benefício total aos consumidores.

Chame quem quiser, aos resultados excedentes, lucro da cooperativa; eles nunca serão iguais à exploração do comércio. Necessários ou inevitáveis como previsão, asseguram, reforçam e não adulteram a função da cooperativa sem lucros.



"Só ignorantes fanatizados pelo racionalismo pseudo-científico podem aceitar a teoria degradante de que o homem descende do macaco." — assevera um jesuíta sem batina em um dos órgãos do vaticianismo indígena.

— Eu, por mim, não sinto a menor vergonha da minha estirpe simiesca. Conheço os homens e os macacos, e da comparação entre uns e outros recolho largo crédito a favor dos segundos. Sempre que visito um "zoo", uma comovedora fraternidade me retém, largo tempo, junto daqueles que representam os meus antepassados. Jamais surpreendi entre eles a hipocrisia, a exploração, a crueldade, com que os seres humanos se torturam uns aos outros. Quantas mães humanas serão capazes de amamentar seus filhos com a mesma ternura e o mesmo sacrifício, com que o fazem as mães macacas? Sei, em contraposição, de muitas mães humanas, que têm mandado seus filhos a morrer, estilhaçados, nos campos-de-batalha, "para maior glória da pátria". De acordo com a tese evolucionista, segundo a qual caminhamos de perfeição em perfeição, espero que o Homem será, ainda um dia, Deus. Os católicos, para quem o mundo marcha como o caranguejo, esses, coitados, jamais poderão alimentar a mesma esperança, pois eles, ao contrário de mim, provêm de Deus e terminarão no macaco. Pelo jeito com que a maioria deles imitam quanto vêem e ouvem, parece-me, aliás, que já atingiram o último grau da sua involução.

"A Igreja Católica pretende restabelecer em todo o mundo a Inquisição." — aventa o órgão nazisoviético.

— Há hoje uma religião muito mais cruel e muito mais sangrenta do que a de Roma. É a do Estado e da Pátria, na qual vocês comungam, pobres filhos espúrios de Karl Marx! Nas fogueiras da Santa Inquisição mandaram os padres, em nome do suave Jesus, queimar, em dois séculos, pouco mais de dois milhões de herejes, ao passo que, em pouco mais de apenas dez anos, em nome da nova religião, Hitler, Franco, Salazar e o mestre dos três — Stáline — mandaram massacrar cerca de trinta milhões de herejes, em campos de concentração, em fornos crematórios e ante os picquetes de fuzilamento. Por outro lado, a Igreja — a verdade seja dita! — nunca matou com perversidade ou por ódio ao hereje, mas sempre com a piedosa intenção de salvar-lhe a alma para a glória eterna, antecipando-lhe e encurtando-lhe, na Terra, os sofrimentos que lhe estariam reservados, para toda a eternidade, no outro mundo. Jamais algum inquisidor aproveitou as banhas das vítimas para fabricar sabão, como o fizeram os nazistas. Extingam, primeiro, os campos de concentração de Karaganda e outros da Sibéria, onde têm morrido tantos anarquistas e comunistas (a Rússia é o país onde mais cruelmente são perseguidos o anarquismo e o comunismo!) e, depois, venham falar-me da Inquisição!

— Que Sua Eminência não se esqueça de incluir na lista a Bíblia, o livro mais deliciosamente pornográfico, que até hoje li. Foi nela que aprendi os primeiros palavrões, cuja repetição me custou, depois, alguns punzões-de-orelha do meu professor, que era muitíssimo católico e por isso nunca lera as Escrituras.

"De 669 criminosos reclusos na Penitenciária das Neves, 621 são católicos, 9 protestantes, 4 espíritas e 36 sem qualquer religião." — lê-se na última estatística publicada pelo Estado de Minas.

— Em resumo: entre 669 criminosos, 633, dos quais 621 católicos, foram educados, não sei se no amor e no respeito, mas, pelo menos, no temor de Deus. Dado o momento, não há nada de mais a crer. Já!

há dias, pela primeira vez, me Câmara, para se fazer uma vez mais, a situação cristã, resolveram solicitar do Governo medidas energéticas para que seja assegurado o fornecimento diário da fé a domicílio e às escolas.

"A instalação do Banco Fluminense da Produção assistiu o bispo de Niterói, que o abençoou e lhe elogiou a solidez" — recorda-se, a propósito da recente falência daquele estabelecimento de crédito.

— O "Magdalena" também fora benziado por bispos ingleses. Nada ha que "dê mais peso" que uma sotaína.

"S. S. Pio XII vacinou-se contra o surto de variola que assola a Itália." — noticiam as gazetas.

— Qual dos dois Papas foi mais infalível: o que excomungou Jenner, por haver "descoberto" a vacína, ou o atual, que utiliza a "descoberta" do hereje excomungado?

"Proibidos os brancos de se casarem com negros, e negros com brancas, na África do Sul". "A União Negra Brasileira protestou contra a discriminação racial feita por internatos, colégios e asilos católicos desta capital, que se recusam a admitir crianças negras".

— Protestantes e católicos não fazem senão defender a obra do seu Deus, o responsável pela desigualdade entre os homens, o criador das barreiras raciais, nacionais, classistas, religiosas e linguísticas, que tanto sangue têm feito correr sobre a Terra. Mas, a despeito de todos esses esforços, havemos de derrubar todos os muros odiosos, erguidos pelo velho tirano do Infinito para manter separados os homens. Assim como já fizemos desaparecer as diferenças das linguas, fundindo-as por meio do esperanto, que resgatou a humanidade do terrível anátema lançado por Jeová sobre os arroçados construtores da Torre de Babel e seus descendentes, assim também fundiremos as raças, as nações, e as classes. E, então, com a igualdade, reinará a fraternidade.

## FIGURAS DO ANARQUISMO

(Conclusão da pág. 2)

de escravos, sob o knut dos novos tsares. Regressando a França, totalmente desencantado com a chamada "pátria dos trabalhadores", como sucedeu com Panait Istrati, Ema Goldman, Pérez Combina, André Gide e tantos outros revolucionários e idealistas; reconciliou-se com as doutrinas libertárias, em cuja fé morreu, em 1947, com perto de 70 anos, no México, onde se refugiara por motivo da invasão da França pelos nazistas.

Lanti deixou as seguintes obras, todas elas reveladoras de um pensador original e de grande cultura: "Abaixo a neutralidade" (que marca a criação do movimento esperantista, com a criação da Associação Anacional dos Esperantistas, de tendências proletárias, socialistas, sem distinção de escola); "O esperantismo operário"; "Nacionalismo" (o estudo mais profundo e mais audaz da gênese e evolução do patriotismo primitivo até ao patriotismo dos nossos dias, em que ele se confunde com o nacionalismo; é a obra em que o autor melhor expõe a sua tese sennacista ou anacionalista, que ele opõe ao internacionalismo, doutrina da burguesia vagamente progressista); "Palavras do Camarada Lanti" e "Cartas de Lanti", ambas editadas, como homenagem, pelos seus amigos, nas quais se reúnem os melhores artigos e cartas do grande rebelde, escritos de diversos recantos do mundo sobre os mais diversos temas; na segunda, encontram-se algumas das melhores páginas de crítica ao marxismo; "Manifesto dos Anacionalistas"; "Absolutismo" (obra de combate a todas as formas da intolerância); "Constrói-se socialismo na U. R. S. S.?" (texto taquigráfico de uma controvérsia pública entre Lanti e um categorizado adepto de Moscou, da qual este sai esmagado pela terrível lógica daquele; a conclusão extraída pelo que servira de presidente é que "na Rússia constrói-se um capitalismo de Estado, ou fascismo vermelho, que nada tem a ver com o verdadeiro socialismo"); "O estado da língua mundial" e "O problema da língua mundial". Além destas obras, ficou-se-lhe devendo a tradução em esperanto de algumas obras-primas da literatura mundial, como "Candide" de Voltaire, e "Esboço de uma filosofia da dignidade humana" de Paul Gille. O que caracteriza o estilo de Lanti é uma sobriedade aticista, a ironia sociocrática visando levar o antagonista ao reconhecimento da verdade, e o

## O anarquismo através do mundo

Noticiário fornecido pelas Associação Internacional dos Trabalhadores e Comissão de Relações Internacional Anarquista

**França (CRIA)** — Um grande processo está sendo preparado contra os anarquistas e sindicalistas revolucionários búlgaros. No mês de dezembro passado, 100 militantes foram detidos pelos esbirros stalinistas, e remetidos para prisões secretas da Direção de Segurança do Estado, onde são torturados a fim de que "confessem". Estes militantes, que representam as forças revolucionárias da Bulgária, são os que não querem submeter-se ao bolchevismo. Em nome do movimento anarquista do Brasil protestamos contra mais este crime dos stalinistas.

**Suécia (AIT)** — Na conferência da AIT, realizada em Paris, a Federação Anarquista britânica apresentou um interessante informe, no qual se destaca que as condições atuais são muito favoráveis para a formação de um movimento sindicalista revolucionário na Inglaterra. Informam que se organizou a Liga pelo Controle Obreiro cuja missão é propagar o sindicalismo revolucionário. Durante a greve dos obreiros municipais, no mês de dezembro do ano passado, se formou o Comitê de Relações Industriais. Este comitê atuou em íntimo contato com os ferroviários durante a greve do mês de dezembro.

No informe, declara-se que a Federação Anarquista Britânica está trabalhando no sentido de criar na Inglaterra uma seção da AIT.

culto do paradoxo, tudo de mistura com uma erudição que fazia duvidar aos intelectuais do vulto de Barbusse, Romain Rolland, Han Ryner e outros, que se honraram com a amizade de Lanti, não possuir este nenhum diploma de estudos escolásticos.

Lanti foi, pelo seu cérebro e pelo seu coração, pelo seu desprezo pelos bens materiais e honorários, e sobretudo pela sua mentalidade universalista, uma como que reencarnação de Diógenes, como ele se proclamando corajosamente "cidadão do mundo".

**Portugal (CRIA)** — Informam-nos os companheiros portugueses que novo atentado à consciência humana está em preparação. A propósito dos condenados políticos que foram julgados por tribunal militar e deportados para diferentes regiões da África Portuguesa ou internados no campo de concentração de Tarragal e cujas penas estão em via de terminação, a Gestapo salazarista pede que esses homens não sejam postos em liberdade porque são elementos "perigosos e terroristas". Isto significa que a ditadura de Salazar não tem em conta seus próprios decretos e leis. Condena seus opositores a determinado número de anos, e depois, no fim da pena, caso as vítimas se encontrem com vida, decreta sua residência indefinida nas prisões, até que terminem por morrer.

**Espanha (AIT)** — Vive a Espanha momentos de convulsão. De norte a sul as forças da resistência trabalham tenazmente. Sabotagem, atentados, assaltos e outras atividades violentas destroçam paulatinamente o regime tirânico de Franco. Pelas ruas se mal-diz, em alta voz, o tirano. A polícia franquista, impotente para deter os homens da resistência, culpa por tais sucessos "os terroristas educados na escola de Toulouse", que já se converteram na Espanha, em personagens míticos rodeados de uma auréola de heróis. Trata-se, segundo os polícias da falange, de anarquistas que aprenderam na cidade do meio-dia francês a utilizar a dinamite e a praticar atos de sabotagem.

**Argentina (CRIA)** — Os trabalhos preparatórios para reorganização da Associação Continental Americana dos Trabalhadores (ACAT) continuam conforme o programa elaborado.

O comitê provisório da ACAT já entrou em relações com mais de doze países da América Latina, e espera poder realizar, durante o curso do presente ano, um Congresso Continental.

FARSANTES INTERNACIONAIS

LEON JOUHAUX E A LIBERDADE SINDICAL

Por MANUEL PEREZ

Há pouco foi celebrada, em Montevideu, a chamada Conferência Internacional do Trabalho, na qual um grupo de senhores que não trabalham nunca discutiram os problemas fundamentais do proletariado mundial.

De temperamento genuinamente burguês, Jouhaux, longe de visitar as fábricas, os campos e demais centros de produção, empregou o seu tempo em visitas oficiais, acompanhado de representantes dos Institutos e do Ministério do Trabalho.

Os velhos, que, como eu, acompanham o movimento proletário internacional desde princípios do século, conhecem perfeitamente a história de Jouhaux e de muitos outros "líderes proletários" cuja atuação consistiu sempre em viver à custa dos trabalhadores a pretexto de defenderem os seus interesses.

Analise os serenamente a sua vida política e social desde princípios do século. Foi justamente quando o famoso Clemenceau decretou a separação da Igreja do Estado, em 1906, que Jouhaux surgiu no cenário social da França.

trabalhadores eram fuzilados pelos sicários de Clemenceau porque protestavam contra a continuação da hecatombe que arruinava toda a Europa, Jouhaux não teve o menor gesto de protesto contra esta infâmia.

A atuação francamente reformista que ele imprimiu sempre à C.G.T., cujos componentes eram simples instrumentos a serviço do Partido Socialista, foi a causa fundamental da divisão que surgiu entre o proletariado francês e que culminou na fundação da C.G.T.U. — Confederação Geral do Trabalho Unitária — controlada pelos comunistas.

Chegou então o mais absurdo. Os elementos comunistas, aproveitando a situação internacional e compreendendo que a C.G.T., sob o controle de Jouhaux, e com o apoio incondicional do Partido Socialista, era um perigo para o predomínio do seu partido entre o proletariado, levantaram a bandeira da unificação.

Durante a guerra civil espanhola, quando o famigerado Leon Blum, aliado incondicional de Jouhaux, organizava o famoso Comitê de Não Intervenção, que era um atentado contra a liberdade do povo irmão, nem Jouhaux nem a C.G.T., que ele orientava, elevaram a sua voz de protesto contra esta monstruosidade.

Moscou, onde o sepultaram, não pude deixar de pensar que isso significava o sepultamento da própria Revolução Russa. Hoje, reconheço, com grande pesar, que a minha intuição não me enganara.

O PENSAMENTO VIVO DE LANTI

"Nós, os anacionalistas, não estamos dispostos a morrer por outra pátria que não seja a planetária, a humana. Perguntam-me qual deve ser a atitude dos trabalhadores revolucionários franceses, na hipótese de ser a França invadida pelos exércitos nazistas de Hitler. Ora, todos os exércitos são nazistas. O que os trabalhadores franceses devem fazer, em tal emergência, é estudar o alemão, procurar compreender a civilização alemã e assimilar o que ela tem de bom.

"A um médico, a um advogado, a um professor, etc., pagam-se honorários; a um operário, salário. Esta simples diferença qualificativa mostra-nos claramente quanto de servidão contém o significado da palavra "operário".

"Para adquirir popularidade, nada melhor do que dizer agradáveis lugares-comuns ou profetizar o rápido estabelecimento do Paraíso sobre a Terra. Os padres são, a este respeito, os indivíduos mais hábeis, pois eles prometem aos crentes a entrada no Paraíso só depois da morte."

"Homens que não se libertaram do culto dos cadáveres, de tal modo que os vestem, como se eles fossem para uma solenidade, os acompanham à "última morada" e lhes levam flores, como se os cadáveres possuíssem olfato, esses homens, ainda que tal se afirmem, não são revolucionários, pois continuam apegados a estúpidas tradições, em vez de obedecerem apenas à razão, que nos diz que o cadáver de quem quer que seja não passa de matéria em decomposição, de um monte de estrume. Quando embalsamaram o cadáver de Lênine e lhe construíram um imponente monumento na praça Vermelha, em

tado num sentido francamente revolucionário, demonstrava a sua capacidade para dar solução aos seus próprios problemas. Após várias entrevistas com os socialistas e comunistas espanhóis, como é partidário da colaboração direta com o Estado e das soluções políticas, o líder da C.G.T. solicitou uma reunião com os militantes da organização confederal e anarquistas, pretendendo aconselhar-lhes uma ação mais moderada a fim de conquistar a simpatia das chamadas "democracias da Europa".

Depois da guerra espanhola, para cujo termo com o triunfo do fatídico Franco, Jouhaux e o seu partido contribuíram, a França pagou o seu grande erro ao ser invadida e massacrada pelos mesmos que antes haviam massacrado o povo espanhol, graças ao Comitê criado pelo líder socialista Leon Blum.

Jouhaux, após a libertação, voltou à luta e continuou a colaborar com os comunistas, e, só agora, quando estes perdem terreno e prestígio entre as massas proletárias, organiza a chamada "Force Ouvrière" para reorganizar a velha C.G.T. e continuar como seu patriarca supremo. Farsante!

De acordo com Jouhaux! O sindicalismo é livre ou deixa de ser sindicalismo! Não se esqueça, porém, que se ele deixa de ser livre quando submetido à tutela do Estado por intermédio dos organismos oficiais, da mesma forma perde a liberdade quando controlado por um partido político, mesmo que este se diga socialista ou comunista. É isso o que acontece à C.G.T. francesa, transformada em instrumento político do Partido Socialista, do qual Jouhaux é um dos militantes mais salientes, e ao qual presta serviços inestimáveis, já que, ao transformar cada trabalhador num eleitor incondicional do partido, anula a sua capacidade revolucionária.

O mais curioso é que a democracia francesa, seguindo a tradição dos homens de 1793, que promulgaram os direitos do homem e do cidadão, respeitou sempre a liberdade sindical, e esta é justamente arrebatada pelos que se dizem defensores do proletariado. Quanta vergonha!

Moscou, onde o sepultaram, não pude deixar de pensar que isso significava o sepultamento da própria Revolução Russa. Hoje, reconheço, com grande pesar, que a minha intuição não me enganara. Não, os autênticos discípulos de um sábio, de um homem ilustre, jamais lhe seguiriam o cadáver, mas, antes, se reuniram em local apropriado, e ali estudariam as doutrinas e a obra do ilustre finado". (De "Vortoj de Kamarado Lanti")

"Não se pode ser coerentemente socialista comunista ou anarquista, sem visar destruir as fronteiras linguísticas que separam os homens e os tornam estrangeiros entre si". (De "Naciismo")

FALAM CONDENADOS

GUERRA JUNQUEIRO

Faminto, nú, sem mãe, sem leite, roubei um pão. Quem vai além de farda e de gran-cruz ao peito? — Um ladrão!

Todos os crimes da Desgraça em mim reúno. Quem vai além tirado a parelhas de raça? — Um gatuno!

Pela miséria crapulosa, eu fui craído. Que esplêndido palácio em festa! Quem o goza? — Um bandido!

Viola, seduz, furta, assassina, Milhão! És rei! Que prostituta está cantando àquela esquina? — A Lei!

(De "Fina Patrie")

A SOCIEDADE LIBERTÁRIA

Por JORGE BASTIEN

2 — O ESTADO

Nós queremos destruir o Estado! O Estado ou direção política é o conjunto das instituições burocráticas, policiais, jurídicas e militares. É a opressão por meio da violência organizada. A sua função é manter a ordem... para que os privilegiados possam gozar em paz. O Estado é, por outras palavras, o burocrata, o denunciante, o juiz, o soldado — toda essa cambada de parasitas unida para manter, por todos os meios, sob a canga, as classes produtoras. Porventura numa sociedade livre, em que todos sejam iguais, de onde a miséria e a ignorância hajam desaparecido, poderá ser útil a alguém todo este aparelho de sujeição?

Estudem a estatística dos tribunais. A quase totalidade dos crimes e delitos tem como causa a miséria, a ignorância, o alcoolismo, a avidez do lucro, quando não são praticados pelos explorados que não se submetem ao regime patronal. A sociedade deve ser de tal modo organizada, que todos possam desfrutar um bem-estar duradouro e normal, em troca de uma atividade racional e útil ao indivíduo, tanto como à coletividade, a par da maior liberdade; de tal modo organizada, que não mais seja possível a alguém enriquecer à custa de outrem; de tal modo organizada, que o crime de nenhum modo aproveite a alguém. Então, quando as causas desaparecerem, o mal cessará.

Relativamente aos poucos crimes e delitos que têm sua origem nas paixões e não no lucro, as instituições do nosso tempo são absolutamente ineficazes, totalmente impotentes. Um novo meio moral, onde a liberdade e a vida dos outros forem respeitadas, de onde os preconceitos idiotas houverem desaparecido, onde desde a infância os cérebros e os corações forem penetrados pelo espírito da solidariedade, será muito mais eficaz do que qualquer meio repressivo que vise o desaparecimento de tais crimes e delitos passionais. E a prova está em que a sociedade atual fabrica centenas de crimi-

nosos, enquanto castiga um. Os maiores criminosos são, aliás, os homens mais respeitáveis, os mais prestigiados e mais protegidos pelas leis e pelo Estado.

Os homens do futuro serão avisados o bastante para resolverem por si mesmos os casos anti-sociais que se apresentarem. Não cometerão a estupidez de manterem carrascos assalariados, que são perigo para todos, sob pretexto de que alguns indivíduos anormais perturbariam a harmonia geral, mas eliminarão tais casos por meio da extinção da miséria, da generalização da cultura, da melhoria das condições de vida e trabalho, da criação de nova atmosfera moral para prevenir o mal e extirpar as suas causas, e aplicarão meios rigorosos apenas naqueles casos extremos em que o perigo se torne ameaçador. Estes casos verificar-se-ão certamente em maior número no começo da sociedade libertária, isto é, ainda dentro do período revolucionário, esse período cuja principal tarefa consiste em esmagar todas as resistências. Cremos sinceramente que os mandriões, os egoístas e os criminosos são, de modo geral, mais numerosos entre a classe burguesa do que no povo. Mas evitar-se-á, como se fora peste, restabelecer a autoridade, ou seja a opressão organizada, porquanto, sob pretexto de fazer desaparecer um mal transitório, cujo problema se pode resolver pela ação direta, forjar-se-iam, de outro modo, novas cadeias, novas algemas.

O Estado, departamentos e municípios estabeleceram diversos serviços públicos, tais como ensino, correios, estradas, etc., que têm de ser conservados, evidentemente, porque prestam reais benefícios à coletividade. Sem querermos antecipar a continuação do presente estudo, digamos que os organismos que realizam os referidos serviços públicos podem continuar a funcionar por meio das organizações operárias locais, ou regionais, por meio de associações ou federações operárias, não sendo difícil prever que tais serviços passarão a funcionar muito melhor, quando se encontrarem desembaraçados da parasitária e estéril burocracia, da venenosa hierarquia, do espírito de centralização mafioso de toda iniciativa, e da corruptora politicagem, que atualmente dominam.

MEDITAÇÕES SÔBRE O ROUBO

Segundo leio na crônica policial dos jornais, os larápios penetraram na residência do conhecido escritor humorístico radiofônico J. M., furtando-lhe várias jóias. E' de assinalar que nenhum dos originais das obras radiofônicas foi tocado pelos amigos do alheio. O humorista, que não achou graça nenhuma ao sucedido, apresentou queixa à Polícia.

Sem prévio convite, os larápios entraram-lhe em casa, vasculharam-lhe as gavetas, os armários e os baús, e levaram, por fim, consigo, algumas jóias, deixando intacto um grande número de papéis manuscritos, apontamentos, ensaios literários, peças, fruto de dois ou três anos de labor intelectual. O fato em si nada tem de notável nem seria justo lançar em rosto aos gatunos o seu pouco interesse pelos desenvolvimentos da idéia pura. Cada qual em seu ofício. Mas é precisamente o vulgar de um fenômeno o que deve inclinar-nos à meditação. Não é o azar, o acaso, mas a ordem, o que deve maravilhar-nos. Não é milagroso o que ocorre raras vezes, senão o que ocorre sempre. E, supondo que o dono das jóias furtadas e dos manuscritos perdoados é um filósofo, permitir-me-ei filosofar-lhe nos seguintes termos:

"Se te houvessem tirado os teus queridos manuscritos, cansado ainda da tua mão febril e vacilante, cheios de sulcos negros, de traços, de borrões, de emendas — recordas-te, gestos grafológicos de raiva e de triunfo?! —; se te houvessem tirado os companheiros queridos da tua solidão agitada, os filhos e herdeiros do teu pensamento, darias para resgatá-los as tuas jóias e os teus trajes e o leito em que descansas. E vês que não te fizeram padecer tanto como puderam, e que não é necessária a felicidade dos que nos parecem maus toda a desdita dos bons. E sentirás que os teus manuscritos, arreitados em ti, são na verdade teus, muito mais teus do que as tuas jóias e do que os teus móveis. E advertirás que os ladrões buscam o que é menos teu, e rejeitam o que é teu de veras, o que por sê-lo perde o seu preço e sua virtude, mal sai da tua vontade e do teu domínio.

Admitirás então que não são as jóias de tua propriedade legítima, senão de quem as fez, do mesmo modo que são de quem os escreveu os papéis que tu guardas. O palácio pertence ao arquiteto, e a terra a quem a fecunda e embeleza. Só é nosso o que engendramos, o que por nós vive, aquilo que como pais jamais repudiamos; só é nosso aquilo que só conosco resplandece e obra. E eis aqui que o ouro, inerte, anônimo, o escravo que a todos serve, não é de ninguém, mas de todo o mundo. O ouro e o ar e o céu não são de ninguém, porque não são humanos. A tua jóia tem dono, não por ser de ouro, mas por ser jóia, porque um homem, ao cinzelá-la, retratou nela a imagem fugidia do seu espírito.

Roubar o ouro é um ato indiferente. Nós castigamo-lo, chamamo-lo delito. Isto é uma monstruosidade, uma loucura. Tornamo-nos loucos no dia em que pagamos com ouro a quem faz uma jóia e a quem escreve um livro. Não compreendes que não há equivalência possível entre um pedaço de metal e um pedaço de alma? A base da presente sociedade é uma imensa mentira, um tráfico ilusório entre coisas intrificáveis. Nada profundamente nosso é susceptível de abandonar-nos. Vende os teus manuscritos e conta as tuas moedas, mas não suponhas que o que criaste deixa de ser teu, nem que esse dinheiro, que recebeste, em troca dos teus manuscritos, passou a sê-lo. É-te permitido apenas dar-te, não trocar-te. Os gatunos nada te furtaram, nada te dão os que te pagam salário.

Os larápios não são, pois, criminosos. Se tirassem um molde de gesso das jóias para o artifice que as executou, e ficassem com o ouro, fariam um grande bem. O roubo costuma restituir. Todavia, queixaste-te à Polícia, para que ela prenda os ladrões e os meta na cadeia. Sim, convém que eles sofram, e que sofram também outros desgraçados: os carcereiros. Convém que a dor remexa o fundo das consciências e inche sempre e cada vez mais a onda vingadora, que há de subverter a sociedade presente, baseada na fraude e na mentira.

Rafael Barreto